

MODOS DE CRIAR, FAZER, VIVER
MODOS DE CRIAR, FAZER, VIVER
MODOS DE CRIAR, FAZER, VIVER
MODOS DE CRIAR, FAZER, VIVER

CATANDO OS CACOS DO CAOS

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA - BRASIL

CATAR OS CACOS DO CAOS
COMO QUEM CATA NO DESERTO
O CACTO

- COMO SE FOSSE FLOR.

CATAR OS RESTOS E OSSOS
DA UTOPIA

COMO DE PORTA EM PORTA
O LIXEIRO APANHA
DETRITOS DA FESTA FRIA
E POBRE NO CREPÚSCULO
SE AQUECE NA FOGUEIRA ERGUIDA
COM OS DESTROÇOS DO DIA.

CATAR A VERDADE CONTIDA
EM CADA CONCHA DE MÃO,
COMO O MENDIGO CATA AS PULGAS
NO PÊLO

- DO DIA CÃO.

RECORTAR O SENTIDO
COMO O ALFAIATE-ARTISTA,
COSTURÁ-LO PELO AVESSE
COM A INCONSÚTIL EMENDA
À VISTA.

COMO O ARQUEÓLOGO
REUNIR OS FRAGMENTOS,
COMO SE AO VENTO
SE PUDESSEM PEDIR AS FLORES
DESPETALADAS NO TEMPO.

CATAR OS CACOS DE DIONISIO
E BACO, NO MOSAICO ANTIGO
E NO COPO SECO ERGUIDO
BEBER O VINHO
OU SANGUE VERTIDO.

CATAR OS CACOS DE ORFEU PARTIDO
PELA PAIXÃO DAS BACANTES
E COM PROMETEU REFAZER
O FÍGADO

- COMO ERA ANTES.

CATAR PALAVRAS CORTANTES
NO RIO DO ESCURO INSTANTE
E DESCOBRIR NESSAS PEDRAS
O BRILHO DO DIAMANTE.

É UM QUEBRA-CABEÇA?
ENTÃO
DE CABEÇA QUEBRADA VAMOS
SOBRE A PAREDE DO NADA
DEIXAR GRAVADA A EMOÇÃO

CACOS DE MIM
CACOS DO NÃO
CACOS DO SIM
CACOS DO ANTES
CACOS DO FIM

NÃO É DENTRO
NEM FORA
EMBORA SEJA DENTRO E FORA
NO NUNCA E A TODA HORA
QUE VIOLENTO
O SENTIDO NOS DEFLORA.

CATAR OS CACOS
DO PRESENTE E OUTRORA
E ENFRENTAR A NOITE
COM O VITRAL DA AURORA

“A CHAVE PARA A CULTURA CUMPRIR COM O SOCIAL, HÁ DUAS REGRAS BÁSICAS: UMA É A SOLIDARIEDADE NO ESPAÇO SOLIDARIEDADE NO ESPAÇO É CHAMADA PARTICIPAÇÃO; A SEGUNDA É SOLIDARIEDADE NO TEMPO QUE É CHAMADA PARTICIPAÇÃO E ANTECIPAÇÃO. AO SE COMBINAR AS DUAS, SE ABRE O CAMINHO PARA A INOVAÇÃO, PARA A CRIATIVIDADE, PARA A DEFESA DA DIGNIDADE MUITOS OUTROS ELEMENTOS.”

Madji Elmadjra, no debate Cultura Como Fator
Chave para a Sobrevivência da Razão Humana

“HABITANTES DE UM CONTINENTE PERIFÉRICO, DEVEMOS RECONHECER QUE NOSSOS INSTRUMENTOS DE ATUAÇÃO CULTURAL SÃO DESIGUAIS”

Hoje, quando olhamos para a África Central, quando olhamos para meu país, o que encontramos? É que são homens de quem se ouve falar com frequência porque há conflitos, porque há guerras, porque há isso ou aquilo, e gosto muito de dizer que nossos políticos, os que decidem, não fazem do desenvolvimento da cultura uma prioridade, portanto em virtude disso o ambiente não é o ideal para que economicamente o que nós produzimos possa progredir, e quando falamos de diferenças culturais, de diversidades culturais e de desenvolvimento econômico, somos infelizmente obrigados a ver isso de maneira exógena, ou seja, a considerar como, a partir do que existe no país, podemos ir à esfera internacional e difundir essas músicas em outros mercados, porque o mercado interno mesmo, quando se indica como dado que os atrasos de salário dos funcionários, por exemplo, são de 24 meses, vocês entendem que é difícil para um autóctone poder consagrar uma parte do que ele ganha à música e ao lazer.

Regis Sissoko, no debate Diferenças Culturais como motor de desenvolvimento econômico

Habitantes de um continente periférico, devemos reconhecer que nossos instrumentos de atuação cultural são desiguais. Eles se tornam mais ainda ante a dicotomia de que partimos: a seriedade com que se encaram os problemas de política econômica e a superficialidade com que se enfrentam as questões de ordem cultural. Reconhecê-lo será apenas dar o primeiro passo para um empreendimento que não podemos saber aonde chegará.

Luiz Costa Lima, no debate Questões Sobre uma Cultura Periférica

As tecnologias da informação oferecem às pessoas perspectivas sem precedentes para criar e compartilhar conteúdos culturais e idéias, em escala mundial e a baixo custo. A experiência demonstra que a diversidade pode despertar a curiosidade, engendrar a iniciativa e aportar uma contribuição útil nas comunidades que buscam melhorar suas economias, em especial mediante a utilização dos meios extraordinários que a Sociedade da Informação põe à sua disposição.

(Declaração de Okinawa) Reunião dos Líderes do G-8, Okinawa, julho de 2000

Quando se trata de desenvolvimento, para mim, a melhor definição que encontrei em minha vida para desenvolvimento é aquela fornecida por Rene Maheu, diretor geral da UNESCO, em 1965, em Viena, na Conferência Mundial sobre a Aplicação da Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento. Ele disse em poucas palavras: “Le développement est la science devenue culture” – O desenvolvimento acontece quando a ciência se torna cultura. Quer dizer quando você tiver se integrado; quer dizer quando os valores conduzidos pela ciência se tornarem transpostos e não conduzidos pelo seu sistema cultural; quer dizer quando as suas estruturas mentais tiverem sido afetadas; quer dizer quando os seus valores tiverem sido reorganizados, levando-se em consideração o que a ciência traz a você como fato, como realidade, como um método de pensamento.

Madji Elmadjra, no debate Cultura Como Fator Chave para a Sobrevivência da Razão Humana

“(…) O HOMEM SEM CULTURA NÃO VALE COISA NENHUMA (…)”

(…) Entretanto, muitas coisas se desenvolveram no interior do país de origem de Angola, demos conta que tínhamos uma cultura, que tínhamos uma civilização, que tínhamos música, que tínhamos teatro, que tínhamos dança, que tínhamos provérbios e que tínhamos tantas outras coisas que identificam o povo angolano de que eu faço parte. E, posteriormente, demos conta de que era possível, através de atividades no interior da terra de origem, defendermos principalmente a personalidade dos africanos de Angola mesmo com a língua portuguesa, que nós enriquecemos através das formas de vocábulo corrente, da *gíria*, do *calão* e das línguas de Angola.(…)

(…) Comecei a cantar a paz, a liberdade, a emancipação de homens e mulheres, justamente por ter a ver com qualquer coisa de muito consistente, e essa consistência é a dignidade do homem. E o homem sem cultura não vale coisa nenhuma.(…)

(…) Nós estamos, sem querer é claro, a contribuir para uma aproximação das pessoas, e nessa aproximação cada qual está a trazer o seu particular, e o meu particular, digo aqui com muito empenho, é exatamente aquela música que foi desprezada no período colonial, desprezada no tempo do modernismo, porque fazíamos uma mistura e queriam chamar de mundialização. Se nós entramos para a mundialização assim, entramos pela porta do quintal. E eu quero que a gente entre pela porta da frente com a nossa particularidade, com a nossa personalidade e com a nossa maneira de estar. E essa nossa maneira de estar passa principalmente pela nossa expressão natural, a forma de rir, de falar, de comunicar com as pessoas e tudo o que tem a ver conosco. (…)

Bonga, no debate Liberdade das Artes e Responsabilidade Social

MUNDO BEM ALIMENTADAS E
CRIANÇAS AS VEREMOS
DANDO O ENGAJADAS EM
PROCESSOS EDUCACIONAIS PROMISSORES?
MUNDO BEM ALIMENTADAS E
CRIANÇAS AS VEREMOS
DANDO O ENGAJADAS EM
PROCESSOS EDUCACIONAIS PROMISSORES?

“A EXPERIÊNCIA DEMONSTRA QUE A DIVERSIDADE PODE DESPERTAR A CURIOSIDADE, ENGENDRAR A INICIATIVA E APORTAR UMA CONTRIBUIÇÃO ÚTIL NAS COMUNIDADES QUE BUSCAM MELHORAR SUAS ECONOMIAS”

(...) cultura é vida e mudança.

Edric Ong, no debate O Papel da Cultura e das Artes nos Programas de Desenvolvimento

Cada local tem o seu processo, cada local tem o seu formato.

João Pimentel, no debate Desafios da Gestão Cultural nos Municípios

A gente tem sempre falado a respeito de que arte é cultura, mas a cultura não é só arte.

Sebastião Soares, no debate Desafios da Gestão Cultural nos Municípios

A cultura veio para transgredir. Ela veio para dizer eu existo, ele existe, nós existimos, nós queremos, nós somos, nós somos capazes.

Altair Moreira, no debate Desafios da Gestão Cultural nos Municípios

Não precisamos mais convencer ninguém de que existe uma conexão entre cultura e desenvolvimento.

Âmbar de Oliveira Barros, no debate O Papel da Cultura e das Artes em Programas de Desenvolvimento

A tecnologia também entra em cena aqui porque como a tecnologia garante que há novas formas de distribuição, novas formas de produção, achamos que os outros aspectos dos acordos comerciais realmente nada têm a ver com o cultural (...) e o serviço visual começa a ter efeito sobre a cultura.

Garry Neil, no debate De padrões de Exploração a Modelos de Solidariedade

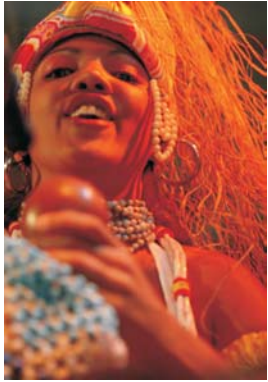
(...) na África, quando se fala em cultura, fala-se necessariamente de política.

Margone Niang, na atividade associada Afro-globalização

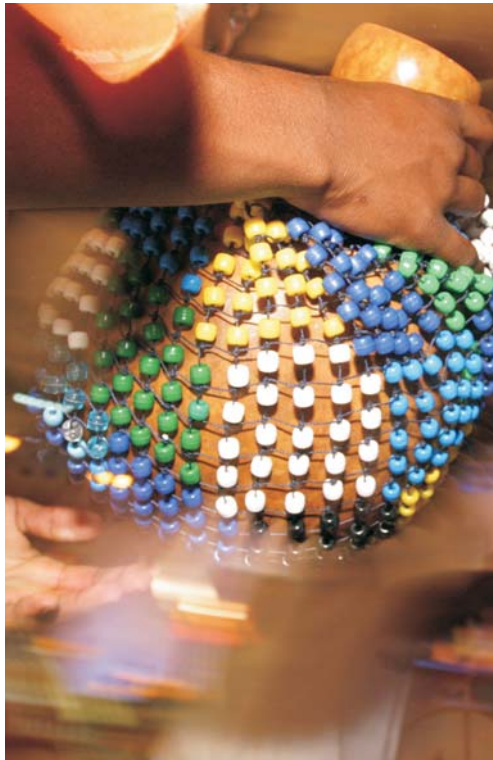
**Poderão os países do Sul
apropriar-se das novas
tecnologias de informação a favor
do conhecimento não
incorporado?**

**Como criar oportunidades para
ampliar a oferta das trocas ao Sul?**

**Como compartilhar a informação
sistemizada para o diagnóstico,
avaliação e capacitação?**







“O FENÔMENO ECONÔMICO E, PARA ALÉM DISSO, O SOCIAL, DITO DA MUNDIALIZAÇÃO, ENCONTRA SUA GÊNESE NA HISTÓRIA DA EUROPA”

(...) Meu propósito é tratar da mundialização e suas repercussões sobre as culturas dominadas. Trata-se, nesse sentido, de interrogar os discursos sobre a mundialização. A racionalidade reivindicada por esses discursos economicistas repousa sobre uma concepção do mundo fundada no cálculo e pelo cálculo, no ganho a qualquer preço, em detrimento do homem e da cultura, passando pela destruição de todas as conquistas civilizacionais, aí incluídas as do liberalismo clássico, cujas políticas neoliberais reivindicam para si. O fenômeno econômico e, para além disso, o social, dito da mundialização, encontra sua gênese na história da Europa. A conquista dos mercados no século XIV, seguida das colonizações nos séculos XIX e XX, vai se inscrever largamente no processo histórico em que países da Europa se lançaram em uma corrida desmedida em busca de matérias-primas – cacau, açúcar, chá, café, algodão – que somente os países do sul poderiam oferecer. A história pode, desse modo, servir para balizar os discursos sobre a mundialização, que passa por ser a panacéia do mal-estar atual, enquanto somente reinterpreta um papel já antigo sob uma roupagem e um andamento da atualidade e da modernidade, com marcada incidência sobre as culturas dos mais desfavorecidos. Pode-se acrescentar a opinião de uma certa sociologia que se precavê contra a restauração que se faz passar por uma revolução. O termo restauração é tomado aqui no sentido de restaurar, isto é, de voltar ao *Ancien régime* [Antigo regime, normalmente usado na versão francesa]. A restauração seria um arcaísmo sob uma capa de ideologia universalista. São, portanto, arcaísmos locais que reemergem em benefício de uma crise econômica e política. Precisamente, se a mundialização quer ser o que ela pretende, isto é, uma circulação e de algum modo uma troca, ela não chegará a isso sem respeitar minimamente

as regras que permitem garantir a segurança das pessoas, dos grupos, das instituições, e também do meio ambiente. Para superar o que pode penalizar severamente os mais despossuídos, será preciso esperar que se efetive um “efeito boomerang”, o que deve se estender aos promotores da mundialização.

Muito rapidamente, vou tentar falar dessas culturas do Sul e como essa mundialização econômica vai tentar se impor como uma espécie de modelo cultural. Essa concepção do mundo e da sociedade pretende suceder a uma civilização que nasceu há pouco tempo e que não se generalizou. Essa civilização atual não emergiu do nada, ela nasceu – como escreveu Pierre Bourdieu – de violentas lutas para reivindicar o direito elementar à existência que faz parte de uma civilização, a deste século; civilização associada à existência do serviço público, da igualdade de direito à educação, à saúde, à cultura, à pesquisa e, conseqüentemente, a todo trabalho.

É nesse sentido que a integração internacional pode conduzir a uma desintegração nacional, cujo resultado seria o desemprego, a pobreza, a exclusão dos mais desguarnecidos e a perda das conquistas daqueles que precisamente lutaram para universalizar um modelo. Para certas sociedades da Europa, como a sueca, a belga, a dinamarquesa, é evidente que é uma regressão. Atrás desta desregulação e desta liberalização em curso, assistimos a um enfraquecimento sem precedentes do Estado e, na verdade, a uma capacidade enfraquecida de governar.

Ora, no plano mundial, nós não temos regulamentação de políticas de proteção ou de garantia que pudesse servir um pouco como modelo de Estados supranacionais. Então, no

“(…) NÃO SE PODE FALAR DE UMA CULTURA, MAS, FREQUENTEMENTE, DA COEXISTÊNCIA DE VÁRIAS LÍNGUAS, VÁRIAS CULTURAS TORNADAS MISTIÇAS POR UM LONGO PROCESSO”

plano cultural, em todos os casos que dizem respeito aos países do Sul, não se pode falar de uma cultura, mas, frequentemente, da coexistência de várias línguas, várias culturas tornadas mestiças por um longo processo.

A África do Norte, por exemplo, tem uma história e uma civilização muitas vezes milenar, aberta para o Mediterrâneo, para toda a África e para a Ásia Menor. Não se trata de um país, mas de um subcontinente, que precisou muito cedo enfrentar guerras reais, culturais e culturais. Estas últimas são chamadas de opressão cultural, quando não alienação, tanto mais eficaz quanto exercida por longo tempo e sobre a ignorância dos que vivem nela. O caso da África do Norte é esclarecedor, pois ilustra perfeitamente esse fenômeno que, de cartagineses a franceses, constata a ocorrências de “acréscimos” culturais a cada conquista. Há, ao todo, sete delas. E deste fenômeno resultou a islamização e a arabização desta região. A conquista não foi simplesmente uma conquista política, mas também uma conquista do espaço, dos bens econômicos, como, aliás, no caso dos romanos, é ainda uma conquista das almas.

As antigas populações dessas regiões se chamavam *berberes*, elas remontam aos antigos egípcios, aos mesopotâmicos ou caldeus, isto é, pertencem a um mundo que teve civilizações próprias, reconhecidas, e que vai se fundir progressivamente à ordem dominante. Para certas regiões, esta fusão foi total, para outras, parcial. Por exemplo, nas Ilhas Canárias, a cultura *berbere* desapareceu em menos de um século. Foi assim na Tunísia, no século XX, onde 1% da população perdeu sua língua. Por outro lado, esta língua e cultura sobreviveram na Líbia, na Argélia, no Marrocos, nas regiões subsaarianas, Mali, Niger, Tchad etc.

Estamos, portanto, diante de civilizações e de uma cultura africana antiga e que, face às dominações tiveram como sobreviver a elas pelo fato de estarem distantes dos centros do poder e da cultura oficial, na medida em que se refugiaram nas montanhas, nos oásis e nas ilhas. E para se reproduzir, essas populações fizeram da necessidade uma virtude, isto é, escolheram entre ficar e viver como estavam ou então se abrir à cultura dominante e negociar sua existência com o poder estabelecido. Foi assim, por exemplo, sob a ocupação romana que os autóctones aprenderam o latim, se converteram ao cristianismo e se colocaram assim ao serviço da civilização romana, negando sua própria cultura africana. Foi assim também com Santo Agostinho, Cipriano, dentre outros, que tanto deram à cristandade.

Esta dimensão africana não aparecerá com os muçulmanos quando vieram caçar os romanos. Eles fizeram dessa região um anexo da Arábia. De novo, assistimos a uma campanha religiosa que foi ao mesmo tempo cultural. Os *berberes* então, das cidades e dos planaltos, se islamizaram e progressivamente se miraram pelos árabes e colocaram de novo de lado elementos importantes de sua cultura e identidade. Tanto mais a tecnologia é avançada, tanto mais os métodos dos dominadores procuram se impor e são cada vez mais eficazes. Assim foi com a colonização francesa, que suscitou mais desastres do que todas as precedentes.

É preciso saber assim que a cultura *berbere* então na África do Norte passou por uma dupla discriminação. Marginalizada há muito tempo, ela deverá novamente enfrentar uma nova colonização, que levará a uma drástica mudança social e cultural. Falo, evidentemente, da presença francesa...

“TANTO MAIS A TECNOLOGIA É AVANÇADA, TANTO MAIS OS MÉTODOS DOS DOMINADORES PROCURAM SE IMPOR E SÃO CADA VEZ MAIS EFICAZES”

Os *cabyles* da Argélia e os *berberes* do Marrocos vão conhecer o êxodo rural e a imigração. Os *touaregs*, no Sul, verão seus territórios serem divididos em cinco Estados e serem privados de seu próprio modo de existência, fundado no nomadismo em função das pastagens, de seus rebanhos e das transações com as regiões vizinhas. Desse modo, é este modelo de Estado-nação importado pela colonização que vai servir depois das independências.

Claro que falei de colonização. Pode-se comparar colonização e globalização? *A priori*, não, se nos basearmos sobre métodos, mas os efeitos podem ser os mesmos se ficarmos na teoria econômica dos colonialistas, para quem, na mesma época, o interesse era prioritário sobre todo o resto. O que é interessante é lembrar que tanto ontem quanto hoje era uma política econômica extremamente liberal, que aproveita os colonos, que foi imposta sem aproveitar as condições sociais e culturais dos colonizados. Por quê? Porque na Argélia, por exemplo, considerou-se sempre, tanto antes quanto agora, o atraso econômico dos argelinos como um atraso civilizacional, isto é, ligado à inferioridade da raça. O subdesenvolvimento era então a consequência de uma incapacidade genética dos colonizados, enquanto trabalhos sérios mostraram o contrário, isto é, que os modos da economia tradicional eram muito mais performáticos do que aqueles impostos pela colonização, porque ela é acompanhada do maquinismo de uma cultura intensiva, enquanto as políticas tradicionais eram mais minoritárias, porém, em todo caso, mais adaptadas a seus meios.

Esses *paysans* (mais ou menos equivalente a “camponeses” em português), descritos por Pierre Bourdieu e Abdel (sem o sobrenome no original), tinham um conhecimento de seu mundo que repousava não somente sobre formas

econômicas, mas também sobre formas simbólicas da economia. E, evidentemente, essa visão sugeria práticas que poderiam parecer antieconômicas para os colonizadores, mas que eram muito eficientes para o grupo. Podia-se não ter dinheiro, mas tinha-se o suficiente em estratégias internas de trocas para evitar a penúria.

Para acelerar um pouco mais, essas análises da sociedade tradicional mostraram a coerência do sistema tradicional e, por outro lado, a irrupção de um capitalismo selvagem que ia destruir as bases, não somente da economia tradicional, mas sobretudo efetivar essa destruição pela introdução da moeda e de práticas econômicas não adaptadas à situação.

A experiência então mostrou que esta passagem de um sistema a outro não podia se dar do dia para a noite sem provocar imensos prejuízos, os quais a Argélia sofre até hoje. A monetarização conduziu à divisão da grande família, da propriedade, favoreceu a mobilidade do campo para a cidade e a aculturação – este é meu propósito hoje – a perda da língua, dos costumes, da cozinha etc., a visão liberal colonial em sua promessa de universalidade só fez aplicar seu próprio modelo sobre grupos que não tinham escolha além de se submeter ou de se refugiar na aflição e na melancolia.

Os camponeses desenraizados vão mudar seu modo de viver repudiando seu modo de vida anterior em relação a outros mais em conformidade com aqueles dos colonizadores. Foi deste modo que muitos grupos perderam seus cantos, danças, ritos e mitos, porque esses costumes testemunham o passado que se quer apagar para estar em conformidade com a cultura dominante, e o azar (ou infelicidade) é que os Estados de falsa independência vão impor esta mesma modernidade e esta mesma visão da

“(…) TODA ESCOLHA ECONÔMICA É TAMBÉM UMA ESCOLHA POLÍTICA E, INEVITAVELMENTE, SOCIAL, NO QUE O SOCIAL VAI DOTAR DE SENTIDO ESSA ESCOLHA, LEGITIMANDO-A PELAS PRÁTICAS, MODOS DE FAZER, DE PENSAR (...)”

racionalidade. Inútil dizer o quanto esta oposição entre modernidade, tradição, racionalidade é imprópria aqui.

Na Argélia, por exemplo, o voluntarismo político conseguiu, em 40 anos de independência, o que todas as colonizações não conseguiram em vários milênios. Por quê? Porque o fenômeno de despersonalização ligado à cultura *berbere* vai desaparecer parcialmente do panorama oficial da Argélia. Se insisto sobre esse ponto, é para alertar contra tudo o que pode se produzir de novo em um modo consciente, isto é, de colaboração voluntária ou então em um modo inconsciente, ligado à passividade, à indiferença, ou simplesmente por falta de controle sobre seu destino.

Disse acima que seria preciso pôr um “cordão de segurança” ou “fitas de proteção” que permitiriam às entidades nacionais ou às regiões assegurar o controle das transações comerciais, financeiras, por uma verdadeira proteção social, por exemplo, direito ao trabalho, às folgas, aos seguros etc., caso contrário, assistiríamos a uma verdadeira catástrofe com graves incidentes nos planos sociais, políticos e culturais.

No domínio político, é evidente que os mais pobres, que já são os mais militarizados, e continuarão a sê-lo no futuro, ainda mais se os militares não tiverem como agir sobre os bens do país e de uma certa maneira sobre as populações. Não está excluído – é uma hipótese – mas a militarização talvez seja a única resposta a dar em certos casos para preservar a ordem, fornecer trabalho, moradia ou cultura.

Esse conceito de cultura – é o que me traz hoje aqui entre vocês –, vamos reencontrá-lo posto quase nos mesmos termos há meio século por Lévi-Strauss em relação a este país, a esta terra que é o Brasil, em “*Race et histoire*” (“Raça

e história”). Nesta obra, escrevia ele, “não há, não pode haver aí uma civilização mundial no sentido absoluto que se dá a este termo, visto que a civilização implica a coexistência de culturas que ofereçam entre si o máximo de diversidade, e ela consiste mesmo nesta coexistência”. A civilização mundial não seria outra coisa que a coligação em escala mundial e que preserva cada uma em sua originalidade. É o aniquilamento de um sistema qualquer, sobretudo que passa pela economia – mas sabemos desde o século XV que passa também pela cultura – e como o dizia Isabel, a Católica, no século XVI (...), assim, toda escolha econômica é também uma escolha política e, inevitavelmente, social, no que o social vai dotar de sentido esta escolha, legitimando-a pelas práticas, modos de fazer, de pensar. A cultura legítima é somente a do dominante e, por ser eficiente, tem necessidade de ser reconhecida tanto por uns quanto por outros, mas, por isso, ela deve se inscrever em uma visão do mundo a fim de passar por um fenômeno que vai de si mesma aos olhos daquele que exerce, mas também aos olhos daquele que a sofre. Isso mostra o quanto o conceito de cultura é muito importante.

Posso voltar, assim, se quiserem, a Lévi-Strauss e a esta visão da cultura que implica diversidade e é precisamente a diversidade que permite distingui-las e apreciá-las em sua singularidade, em sua diferença. Tanto as grandes quanto as pequenas culturas têm necessidade de se diferenciar para se organizar, do mesmo modo que têm necessidade de se combater, de se imitar, de coexistir com ou sem dificuldade, porém elas devem, imperativamente, sobreviver, pois é uma necessidade para os grupos e para os meios.

Textos de eminentes estudiosos fizeram alusão à problemática da “erosão cultural” que sofreram povos

“TANTO AS GRANDES QUANTO AS PEQUENAS CULTURAS TÊM NECESSIDADE DE SE DIFERENCIAR PARA SE ORGANIZAR, DO MESMO MODO QUE TÊM NECESSIDADE DE SE COMBATER, DE SE IMITAR, DE COEXISTIR COM OU SEM DIFICULDADE (...)”

colonizados na África, Ásia, América com as guerras e as ocupações. Porém para compreender plenamente esses fenômenos, é preciso ter em mente algumas das reflexões de Simone Weil – a filósofa –, feitas nos anos 40 e que, lembrando a situação de espanhóis e ingleses em relação aos indianos, chamaram a atenção dos colonizadores sobre suas responsabilidades neste momento de destruição massiva das identidades e das culturas. Simone Weil, então, fazia igualmente a mesma consideração a propósito dos desenraizamentos internos, isto é, dos Estados centralizadores, por exemplo, como o Estado francês, que provocavam a mesma desculturação nos moradores da província (*les provinciaux*), nos camponeses (*les paysans*), quando eles se encontravam em aglomerações.

O mesmo acontece com a mundialização no plano cultural, social e político. *Pourquoi?* Simplesmente, porque ela está fundada em uma ideologia. E aí não posso deixar de me referir a um grande homem que teria hoje podido estar entre nós, mas que, infelizmente, não pertence mais a esse mundo: Pierre Bourdieu. Dizia ele que a força da ideologia neoliberal repousa sobre um tipo de neodarwinismo, o que eu disse acima a propósito dos colonizadores e da inferioridade genética... “segundo este neodarwinismo social são os melhores e os mais brilhantes que triunfam. E sob a visão mundialista, escreve ele, visão internacional dos dominantes, há uma filosofia da competência, segundo a qual são os mais competentes que governam, isto é, aqueles que têm trabalho. O que implica que aqueles que não têm trabalho não são competentes. Há então os ganhadores e os perdedores, esta minoria que constitui uma nobreza no sentido medieval do termo, no sentido de que

eles devem sua autoridade à educação, isto é, à inteligência, uma inteligência concebida como um dom do céu e o qual sabemos está, em verdade, espalhado pela sociedade, representando as desigualdades de inteligência desigualdades sociais”.

Então, mesmo se não existe programa minuciosamente estabelecido, aqueles que falam de mundialização são os mesmos que têm interesse nisso. O fato de se inscrever aí é também um modo de acreditar que eles se constituem a si próprios por intermédio de sua cultura, sua estatura, sua economia de modelos exportáveis. Neste caso, aqueles que se sentem obrigados a se integrar economicamente e socialmente vão no sentido de uma desintegração inelutável no plano cultural, porque obrigados a responder às expectativas daqueles que preconizaram o modelo da excelência. Na Coreia do Sul, onde estive há dez dias, há em andamento um verdadeiro processo econômico que pode sem dúvida servir – e por que não – como modelo para muitos países da Ásia e da África. Por menos que se possa observar, é possível ver precisamente que o modelo econômico é também um modelo social e cultural fundado sobre uma grande exploração. Constatamos tanto no nível econômico quanto no cultural referências surpreendentes tais como a arquitetura e mais ainda o modo de ser. O que dizer, por exemplo, de uma luta econômica e social, sobretudo as mulheres – e sabemos muito bem sobre o problema das mulheres, que são as dominadas dos dominados –, que vão tentar branquear a pele, mudar a forma dos olhos ou ainda mudar o formato do corpo.

Qualquer que seja, portanto, a amplitude desses fenômenos,

“PARA PROGREDIR É PRECISO QUE OS HOMENS COLABOREM E, NESSA COLABORAÇÃO, ELES VÊM GRADUALMENTE IDENTIFICAREM-SE AS CONTRIBUIÇÕES CUJA DIVERSIDADE INICIAL ERA PRECISAMENTE O QUE RENDIA SUA AJUDA FECUNDA E NECESSÁRIA”

ainda que mínimos, eles parecem muito importantes pois permitem mostrar a pregnância do modelo dominante sobre a definição de si mesmo.

Mesmo sob o risco de parecer pessimista, parece-me que as rupturas culturais são quase sempre impossíveis de serem recuperadas, visto que se trataria de reconstruir sobre um traumatismo. A pesquisa das referências culturais é a que caracteriza melhor nossas sociedades: mais somos confrontados com a mudança pela força e sem recurso, mais nos reencontramos diante de patologias cujas origens estão nas guerras de tipo colonial. Se é verdade que (...), como escreveu Simone Weil, é completamente legítimo hoje compreender como nas guerras de tipo colonial utilizaram-se senegaleses e magrebinos para dominar a Indochina e participar da desintegração de outros.

Toda essa volta simplesmente para dizer que uma nova ordem econômica faz acompanhar uma nova cultura que não repousa sobre nada e que promove aquele que tem

sucesso. Não posso concluir sem voltar mais uma vez ao que escreveu Lévi-Strauss, há 50 anos, sobre isso: “Qualquer que seja ele, é difícil representar de outro modo que não o contraditório um processo que podemos resumir da seguinte maneira: para progredir é preciso que os homens colaborem e, nessa colaboração, eles vêm gradualmente identificarem-se as contribuições cuja diversidade inicial era precisamente o que rendia sua ajuda fecunda e necessária. Mesmo se essa contradição é insolúvel, o dever sagrado da humanidade é de conservar os dois termos disso igualmente presentes no espírito, de nunca perder de vista um em proveito exclusivo do outro, de evitar, sem dúvida, um particularismo cego que tenderia a preservar o privilégio da humanidade a uma raça, uma cultura ou uma sociedade, mas também de nunca esquecer que nenhuma fração da humanidade dispõe de fórmulas aplicáveis ao conjunto e que a humanidade confundida em um gênero de vida único é inconcebível porque seria uma humanidade ossificada”. É essa minha palavra final.

Tassadit Yassine, no debate Cultura e Desenvolvimento Social: Partilhando Responsabilidades

“(…) A CARÊNCIA DE DISPOSIÇÕES DE COMPREENSÃO ARTÍSTICA E INTELLECTUAL, CUJA FORMAÇÃO REQUER DÉCADAS, ASSIM COMO A PERDA DE INSTRUMENTOS CONCEITUAIS PELA DESERÇÃO ESCOLAR E A ESCASSEZ DE ESTÍMULOS CULTURAIS COMPLEXOS E DURADOUROS, NÃO SE RESOLVE INSTALANDO COMPUTADORES EM ALGUMAS MILHARES DE ESCOLAS E PREDICANDO EFEITOS MÁGICOS DE INTERNET PARA O RESTANTE. RAJADAS DE GLOBALIZAÇÃO NÃO PODEM COMPENSAR POLÍTICAS TECNOCRATICAMENTE E, POR ISSO, FINALMENTE ELIMINATÓRIAS.

(…) A CONTRAPARTE DECISIVA DESSAS ALIANÇAS DE MINORIAS MESQUINHAS É A SOLIDARIEDADE DOS CIDADÃOS. INTEGRAR A AMÉRICA LATINA SERÁ UMA ‘UTOPIA’, ASSIM, ENTRE ASPAS IRÔNICAS OU CÍNICAS, ENQUANTO NÃO SE ARTICULAREM OS TRABALHADORES INDÍGENAS, CONSUMIDORES, CIENTISTAS, ARTISTAS E PRODUTORES CULTURAIS; ENQUANTO NÃO INCLUIRMOS NA AGENDA FORMAS DE CIDADANIA LATINO-AMERICANA QUE RECONHEÇAM OS DIREITOS DE TODOS OS QUE PRODUZEM DIGNAMENTE DENTRO OU ALÉM DE SEUS TERRITÓRIOS DE NASCIMENTO.”

Nestor Canclini, “Reconstruir Políticas de Inclusão na América Latina” - “Políticas Culturais para o Desenvolvimento: Uma Base de Dados para a Cultura”. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. p. 236